



\* REDACTOR PRINCIPAL \*

Alexandre Vieira

\* \* \* \* \* EDITOR \* \* \* \* \*

Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional

Officina de Impressão — R. da Atalaya, 154

(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

End. telegr.: Talhada — Lisboa • Telefone: 2

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A NOSSA MISSÃO

Há apenas alguns meses que os jornais monárquicos nos atacavam rijamente pelas nossas tendências socialistas e revolucionárias. Eramos demagogos da pior espécie e pretendíamos lançar a sociedade portuguesa na mais tremenda das convulsões. A ferocidade dos nossos instintos e a desmarcada violência dos nossos propósitos reclamava de pronto um pulso forte, que acabasse de vez com quaisquer veleidades revolucionárias. Assim, defendiam a intervenção cada vez mais acentuada das espadas na vida civil, convencidos, ao que parecia, de que sobre a casta militar se devia apoiar, ainda hoje, os homens que pretendiam dirigir os destinos dos povos; assim, condenavam nos mais violentos termos todos os protestos e todas as rebeldias, quer estas partissem do operariado, quer se originassem entre as facções políticas adversas; e as mais enérgicas representações pareciam-lhe sempre insuficientes para debelar o espírito de revolta que alastrava.

Ora, sucedeu que, mesmo entre os que combatiam tais tendências e discordavam de semelhante orientação política — convencidos de que a desordem da sociedade portuguesa não é do modo nenhum um problema de ordem policial — que possa ser resolvido com tiros e pranchadas — mesmo, entre esses, diziamos nós, houve muito ingenuidade que acreditou na sinceridade da propaganda monárquica. Para esses, os caudilhos realistas tinham, por certo, uma visão acanhada e falsa do problema político e económico da nossa sociedade; mas eram criaturas honestas, que diziam o que sentiam, e punham acima de quaisquer outras preocupações, mesmo partidárias, a questão da Ordem interna.

Após o movimento de janeiro último, já não é lícito a ninguém manter dúvidas, acerca da sinceridade das afirmações monárquicas e da honestidade dos seus intuitos. Logo que o momento lhes pareceu azado, deram o salto, e lançaram o país na mais tremenda das convulsões que a história política nacional regista nestes últimos tempos. Nem a visão da guerra civil desencadeada, do sangue derramado em lutas de irmãos contra irmãos; nem sequer a perda possível da independência nacional, que eles, os paladinos da integridade pátria, a cada momento nos mostravam como um espectro a impor-nos submissão, nem isso mesmo lhes destruiu o braço fraterno!

Queriam vencer. E todos os meios eram legítimos. Frigaram ao povo um ódio feroz aos adversários; praticaram sobre os seus inimigos políticos, presos, violências e atrocidades cuja narrativa revolta e entristece; e chegaram a espancar mulheres por se negarem a ser denunciadas de seus foragidos companheiros! E eles, os paladinos da ordem! E eles, que tanto se indignaram contra as violências dos bolchevistas!

E que queria esta gente? Traziam por ventura um plano de reorganização nacional, ideias novas, processos novos? Queriam apenas governar! Queriam as cadeiras do poder para de lá continuarem a sementeira de ódios largamente iniciada no Porto!

Bem outras são as nossas intenções. Bem diferente é a nossa missão na sociedade.

A guerra europeia veio escrever a letras vermelhas, na história da humanidade, a última página do capítulo «civilização» burguesa e capitalista.

E' todo um conjunto de instituições que, não se tendo adaptado a tempo às necessidades novas, caí ruidosamente. Falência das instituições que se mostraram im-

potentes para conter as novas modalidades da vida; e falência das classes dirigentes, incapazes de compreender a evolução social, e de reorganizar a vida sobre novos moldes.

Uma nova civilização se levanta, edificada sobre outros alicerces, tendo novos objectivos e orientações. A ditadura política duma classe ou dum grupo, mais ou menos mascarada de democracia, é preciso que se suceda um regime de tolerância, de liberdade e de respeito mútuo.

A instituição do salariato, que se mostrou impotente até para resolver o problema da produção, deve substituir-se um regime de cooperação no trabalho, em que cada um seja interessado na máxima e mais perfeita produção.

Não se trata de substituir na administração pública um grupo por outro grupo; não se trata de substituir na exploração agrícola e industrial uma classe por outra classe, conservando a instituição.

Sabemos o que queremos e sabemos para onde vamos. A guerra vem pôr em foco problemas que reclamam uma solução imediata. E a solução destes problemas implica fatalmente uma reorganização profundíssima de todas as novas instituições. De maneira que, ou as classes dirigentes, aquelas que teem as responsabilidades do poder, veem ao encontro destas aspirações e fazem elas essa obra contra aqueles mesmo que alheios ao que se está passando lá fora não compreendam a necessidade dessas concessões; ou essas classes dirigentes caminham de olhos vendados para o precipício e então teremos nós de fazer essa obra formidável de reorganização.

Não nos outro caso seguiremos serenamente o nosso caminho, sem excitar o ódio, que é uma ruína paísa.

E quando tivermos lançado as bases duma nova civilização mais justa e mais equitativa, havemos de chamar a partilha dos seus benefícios inclusivamente aqueles que nos teem acimado de desordeiros e bolchevistas.

## A guerra naval

### O total das perdas dos aliados

LONDRES, 3. — A *Gazette de Westminster*, comentando as perdas navais, diz que as cifras citadas pelo correspondente do *Petit Parisien*, embora não sejam oficiais, podem-se considerar como um cálculo, o mais exacto possível, das perdas sofridas pelas marinhas da guerra dos principais Estados beligerantes.

O total das perdas dos aliados eleva-se a 803.000 toneladas, das quais 560.000 são da marinha britânica.

As potências centrais perderam 415.000 toneladas, mas o total das perdas alemãs, que é de 350.000 toneladas, não compreende os navios que foram entregues conforme as estipulações do armistício.

A Grã-Bretanha pagou, sem dúvida, todo o preço da sua supremacia naval. Quando submergiram os grandes barcos ela sacrificou 13 couraçados, 3 cruzadores-couraçados e 25 cruzadores, começamos a compensar-nos de todo o enorme esforço que foi preciso para permitir à nossa esquadra para sair desta guerra bem mais poderosa ainda do que estava em fins de 1914. — H.

## Regresso de França

Chegam a Lisboa novos contingentes do O. E. P.

Vindos no vapor «Helenus» chegaram ontem, de manhã, Lisboa, novos contingentes de tropas do O. E. P., no total de 30 oficiais, 1.925 soldados, cabos e soldados. O navio atracou à muralha, a oeste do Porto Marítimo do Destacamento, onde os militares foram aguardados pelos ministros da guerra, comandante da 1.ª Divisão do exército, representantes do presidente da República, e do ministro da marinha, general Bernardino, chefe da missão militar inglesa, adido naval inglês, chefe do estado maior da 1.ª divisão, etc.

Os militares foram assim distribuídos: companhia de mineiros, 2 oficiais e 111 praças; para o quartel de sapadores mineiros, 4.º e 5.º baterias de artilharia pesada, 6 oficiais e 253 praças; para o quartel de Orléans, batalhão de mineiros, 2 oficiais e 498 praças; trem da engenharia automóvel, 2 oficiais e 33 praças; 3.ª bateria de morteiros ligeiros, 2 oficiais e 103 praças; 3.º grupo de baterias de artilharia, 44 praças; e várias unidades, 3 oficiais e 124 praças, para o quartel de depósito de adidos, as Janelas Verdes.

O vapor «Helenus», que vai sair imediatamente, deve estar de volta em 18 de corrente, com novos contingentes.

**Diffusão e propaganda «A BATALHA».**

Esta é a nossa missão e tem de viver do seu esforço.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### O reconhecimento da U. O. N.

O *Comércio da Porto*, o importante diário da capital do Norte, insere, no número hoje chegado, um editorial intitulado a *U. O. N.* do qual recortamos os seguintes períodos:

«Estas três iniciais significam um agregado operário que se constituiu em Portugal, a semelhança dos agregados constituídos em outros países — a *União Operária Nacional*».

Foi no congresso operário de Tomar, em 1914, que se lançaram as bases da *União* portuguesa, a qual tem manifestado a sua actividade em diversas emergências, especialmente por ocasião do movimento de 1916, contra a carestia da vida.

O reconhecimento legal dessa agremiação já deveria ter sido feito. Não o fazemos apenas desconhecimento do que se passa em outros Estados cultos e ignorância dos meios de prevenir os erros em que as referidas agremiações, como quaisquer outras, possam cair. Ainda há poucos dias, o *Comércio da Porto* demonstrou que o absoluto decreto de 1891, acerca das associações operárias, não pode subsistir por mais tempo. Em vinte e oito anos, consideráveis progressos se realizaram, em tão importante matéria».

### O comedoro

Realizou-se ontem, no Coliseu dos Recreios, a anunciada sessão de homenagem ao sr. Leote do Rêgo. Abundou a assistência, ante a qual falou o sr. António José de Almeida, que foi, como de costume, lírico e lunático; o dr. Ribeiro Lopes, salamelequico e contumelioso — e, em último lugar, o próprio sr. Leote do Rêgo, em carne e osso. Fulminou, em inflamado tom, os *lacrados* e os *traiçoeiros*; chamou traidores à Pátria, germanófilos e outros nomes feios aos que se permitem discordar do seu critério político; lançou raios e coriscos sobre os que não se dispõem a carregar com o andar democrático; e, por fim, manifestou a sua simpatia pelos socialistas portugueses — mais dignos de elogio, no parecer do sr. Leote, justamente por ser a atitude dele diferente da dos outros socialistas que se lembram de trabalhar pelo seu ideal. Foi muito aplaudido o sr. Leote do Rêgo, e, a meio da cerimónia, como quer que vivamos no século das luzes, ao peito do homenageado penduraram uma cruz.

### Batota amena

Duas notas contraditórias foram há dois dias publicadas na imprensa. Uma explicava que haviam sido endereçadas aos vários governadores civis, inclusive a de Lisboa, ordens para efectuar-se rigorosamente a repressão do jógio. A segunda desmentia a primeira, porque alegava-se nela, já as autoridades dos distritos teem de há muito as instruções relativas ao assunto. Instruções frescas, valia a verdade, dado o incremento com que a tavolagem se exerce no nosso país, nomeadamente em Lisboa, onde de raras são as ruas que não contam o pano verde no número dos seus ocupantes. A marinha bolinha gigante exerce uma singular fascinação sobre os tolos empenhados em enriquecer banqueiros, ou por que a ambição cegue os jogadores, puxando-os ao abismo da ruína, ou por que o ambiente dos clubs batoteiros, povoados de condescendentes borboletas, seduzam as gentes. Quantos desiludidos recindecidos, agrihados à atracção da roleta! E voltam, voltam sempre a apontar segundo os seus palpites, e a errar sistematicamente a pontaria. Vagueiam em torno as beldades venais, às quais os raros felizes atiram per, vezes um pouco do ouro ganho — as quais lançam olhares de desespero nos inditosos que, tendo saltado em pleno no zero, vêem surgir-lhes um cavalo noutra sítio.

**Fazer uma propaganda activa em favor do nosso jornal é o dever de todo o operário.**

## “CRUZ BRANCA”

Efectuou-se ontem a sua inauguração

Os bombeiros voluntários de Campo de Ourique efectuaram ontem a inauguração oficial da sede da Cruz Branca, posto de socorros médicos de assistência pública, tendo sido inaugurados os retratos do falecido sócio fundador desta benemérita instituição, sr. Carlos Braga e da pequenita Elvira dos Santos, que ficou sem família, em virtude da última revolução monárquica e que foi adoptada por esta instituição.

A sessão solene da inauguração presidiu o coronel médico sr. Agostinho de Carvalho, secretariado pelo alferes da guarda fiscal sr. António Campos e pelo voluntário da Ajuda, sr. Beto, representante dos voluntários dessa secção.

Usaram da palavra, salientando os serviços prestados por essa benemérita instituição, os srs. Augusto Branco Martins, Júdice Bieker, o presidente sr. Agostinho de Carvalho e por último o rev. Santos Farinha.

O posto da «Cruz Branca», apesar de se ontem ter tido a sua inauguração oficial, vem de há alguns meses prestando valiosos serviços aos habitantes do populoso bairro de Campo de Ourique, especialmente durante a epidemia pneumónica.

## POR TERRAS DA BEIRA...

...Pois naquelas regiões, cuja beleza e fertilidade no artigo de ante-ontem sucintamente pintei e que quiz salientar, muito de propósito, para estabelecer o tremendo contraste entre a natureza e os homens, — morre-se de fome! A crise de trabalho tem sido grande e tem lançado na mais absoluta miséria centenares de pessoas. Por aquelas ruas, por aquelas vielas, pelos campos, pelas estradas, vaguem ou estejam velhos, mulheres, crianças, homens de meia idade, rapazes na força da vida — força que bem pouca é, tal é o definhamento da raça e a depressão das últimas sementes... Rotos, esfarrapados, cobertos de andrajões, eles que vivem na famosa Manchester portuguesa, eles que em grande número são, em períodos de activa laboração das fábricas, o seu melhor esforço para a indústria dos lanifícios, que lhes suga o sangue, esmolam pelas ruas, pelas vielas, pelos campos, à porta dos casebres, sob o vento e sob a chuva que os fustiga e os encharca inelutavelmente!

— Uma esmolinha, por amor Deus!

— De-me doreisinhos, meu bom senhor!

— Um pouco de pão, por misericórdia!

Imploram assim, suplicam aqui e além, numa toada triste onde a revolta não transparece sequer, vozes de homens, de mulheres e de crianças. E, outras vezes, quando não se atrevem a erguer o rosto e a formular a súplica, passam junto de nós e murmuram timidamente:

— Tenho tanta fome!

— Há três dias sem comer...

Gu estendem a magra mão à caridade, aguardando a mísera moeda que as mais das vezes nela cai, sem que os lábios se descerrem para articular frôas palavras do dor ou de piedade...

Andrajosos, sujos, esqueléticos quasi todos, tuberculosos bastantes, certamente, são misérrimos exemplares de estiolamento e degenerescência. Mostram no rosto, muitos deles, amarguras inéditas, sacrifícios inenarráveis, resignações horríveis. Alguns, com os málheas mais salientes, faces enebreadas, olhos grandes, fundos, boiando na sombra, barbas grisalhas e inculcas, trazem ao meu espírito aturdiado imagens de *mujika* que eu já vi, que conheço através da literatura russa...

E tudo aquilo que ali se vê, aquelas mulheres e aquelas crianças que aceitam a fatalidade do seu destino, aquelas crianças sem infância, sem a alegria inconsciente da sua idade zombadora de tudo, aqueles velhos estranhos, aquelas caras de garotos onde pesa já um desfalecimento dissolvente — aquela desgraça não provém da crise ocasional da indústria. Não, não provém só disso. A crise deu-lhe apenas mais acentuação, venceu mais aquelas traças, refinou a tortura. O mal vem de várias gerações, trazido da hereditariedade, mantido crininosamente por uma organização social iníqua, pela exploração do homem pelo homem que ali ainda se mantém com requintos ferinos, perpetuando aquela escravidão infamante.

E é ir aquelas habitações horríveis, negras, sujas, húmidas, onde não se vê e onde se... vive na mais completa promiscuidade, para se convencer logo, quem se decida a visitá-las, de que o crime é muito maior do que pode parecer.

Na Manchester portuguesa uma grande parte da população cobre-se de andrajões vergonhosos! Na Manchester portuguesa e em outras localidades e meios industriais da Beira habita-se em covis. Por aquelas terras formosas e férteis a raça definha e morre-se de fome!

E no banquete que ao ministro do trabalho foi oferecido no dia da nossa chegada à Covilhã — depois de durante o dia haverem estralado os foguetos e repicado festivamente os sinos — néssas banquetes onde se encontravam industriais, autoridades civis e militares, funcionários públicos e operários, houve alguém que ergueu a sua taça de champagne para saudar o povo da Covilhã, o «peço honrado», esse *abelo povo* que prefere sofrer e morrer de fome a roubar, e que dá, portanto, a todos a tranquilidade sobre a segura garantia dos seus haveres!

E não me foi possível encontrar no dia seguinte — embora o procurei — um olhar de ódio entre os famintos que topei no meu caminho!

Sobral do Campo

### Reclamantes anónimos

Temos na nossa frente muitas queixas e reclamações que, nos teem sido dirigidas mas que por não conhecermos os seus autores não as poderemos publicar. Já o dissemos e não dispomos de espaço para o repetir muitas vezes: *A Batalha* não publica comunicações anónimas. Respeita no entanto esse animado para o público, quando seja pedido para evitar as perseguições com que os poderosos costumam vangloriar-se dos que descobrem as suas artimanhas e os seus crimes.

Entre essas queixas anónimas temos uma que se refere a falta de higiene e à desorganização que vai pelos correios e telégrafos. Apareça o seu autor a dizer-nos quem é, se deseja que nos façamos eco dos seus protestos, e as outras pessoas que anónimamente se nos teem dirigido escusam de esperar pela publicação das suas comunicações. Já sabem o motivo porque as não publicamos.

## A MISERIA ALASTRA

### Morre-se de fome em Mesão Frio

Comunicam-nos de Coimbra que em Mesão-Frio se morre de fome, presentemente.

Os trabalhadores rurais de aquelas bandas, muitos deles com família numerosa a seu cargo, principalmente filhos menores, auferem ali um salário que não chega para o mínimo do indispensável ao sustento duma pessoa, apesar de se dizer que os salários dos referidos trabalhadores são principescos por toda a parte, o que não é verdade mas serve para explicar a pavorosa carestia dos géneros e artigos de primeira necessidade.

O milho está a vender-se ali a três tostões o litro e o trabalhador rural já não tem em casa a que lançar mão para manter-se.

A invernía rigorosa das últimas duas semanas mais ainda agravou a situação angustiosa e insustentável daqueles nosos desgraçados camarádas e de suas famílias, a ponto que as pessoas remediadas da terra já ali não podem manter-se, pelo que se dispõem à retirada para outros pontos, alegando que não se pode viver entre gente esfomeada, o que, com efeito, é inseguro quando não seja desagradável.

Infelizmente, porém, não é só em Mesão-Frio que a fome negra assentou os seus arrastais, de parceria com a morte, sua constante e fiel aliada, desde muitos séculos.

Noutros pontos do País, principalmente no norte, e onde se fez concentração de tropas está sucedendo a mesma coisa, com pequenas variantes. Providências, nenhuma nem a quem pedi-las, o que seria perder o tempo e o latim da súplica.

Os açambarcadores e os intermediários de negócios que veem a ser os milicianos da tropa comercial não desarmam nem desmobilizam. O alto comércio não desmonta das suas burras para

## VIDA CARA E DIFÍCIL

### O PEIXE

Acreda dos informes que o sr. José Nunes, administrador geral dos mercados municipais, ministro, acreda da questão do peixe, em vários números do nosso jornal, recebemos várias cartas que passamos a publicar.

Assim, o sr. Xavier de Almeida afirma que a carestia do peixe e sua escassez não só é motivada pela falta de barcos, mas, também, pela falta de regulamentação do serviço de peixe, dizendo:

«De que serve haver vários barcos se eles entram e saem quando lhes apetece e descarregam como e quando querem? A meu ver, os barcos deveriam ser obrigados a pescar, sob pena de confiscação, e, apenas chegados, a descarregar a totalidade do peixe pescado, no prazo de 24 horas, tendo outro tanto tempo para carga de gelo e carvão. O que se tem feito nos serviços de pesca tem sido verdadeiramente escandaloso. Calcule que barcos houve trazendo 30 toneladas e que levavam a descarregar dois e mais dias.

Esses barcos não só, por falta de género, vendiam caro, como perdiam, amarrado ao cais, dias que deveriam, em interesse público, utilizá-los na pesca.

A questão da regulamentação dos serviços de pesca é, pois, inadivél. Mas, como nós não devemos ter o egoísmo de apenas pensarmos no povo de Lisboa, era necessário, para bem servir os interesses da provincia, a regulamentação, também, nos serviços de Caminho de Ferro, no que se refere a remessas de peixe. Se o assunto interessar, estou inteiramente ao vosso dispor e subscrevi-me com a maior consideração — De v. e. etc. — Xavier de Almeida.

Do sr. João Carvalho, operário tanoeliro, recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor:—Tenho lido com a atenção que merece, a justa campanha de *A Batalha* a respeito das substâncias, fazendo os mais ardentes votos pelo seu feliz resultado, e que todos os esclarecidos que para ela sejam fornecidos, os seus autores tenham somente em conta o bem comum.

Partindo, pois, deste princípio, permitam-me que eu diga também alguma coisa de minha justiça como consumidor e como antigo delegado da A. C. V. de Peixe, junto da Câmara Municipal, quando se debatem a questão dos mercados, respondendo assim a alguns ócios apresentados pelo sr. José Nunes, administrador geral dos mercados municipais, nas entrevistas e cartas publicadas nesse jornal.

Na segunda entrevista diz: «Para o público, os mercados municipais devem constituir um celeiro», e acrescenta: «quanto o rendimento do mercado 24 de Julho, em 1917, foi de 11.000.000, em 1918 foi de 26.000.000, sendo, é claro, a segunda parcela referente à sua gerência, não dizendo porém — talvez contra a sua própria vontade — que para chegar a este lisonjeiro resultado que, além do seu comprovado zelo, muito contribuiu o aumento das taxas das bancas, entradas de volumes, havendo utensílios que sofreram uma elevação de 10 e 20 por cento; por exemplo: câlbas para a venda de peixe fresco, de 10, passaram para 200; câlbas para

nao perder pitada; o pequeno comércio faz o que pode e os políticos fazem o que não deviam fazer mas vão fazendo, ao saber dos altos interesses comerciais e dos seus partidários».

Depois queixem-se, como dizia, trans-antem *A Opinião*, jornal conservador, a propósito da negociação dos tabacos que vai de vento em popa.

Quando, na forma do costume e por força imperiosa das circunstâncias, se pretende acudir a uma tal e tão injustificável quanto desgraçada situação será tarde, muitíssimo tarde, irreparavelmente tarde, logicamente tarde, porque a fome é o mais poderoso e enérgico impulsor do desespero humano a que se acode, quando é colectivo, com emplasos e calmantes de nenhum valor terapêutico, como se um vulcão em plena actividade pudesse extinguir-se abafando-lhe a cratera com um lago de meia dúzia de tijolos ou despejando-lhe em cima um chuva de balas de espingarda ou de canhão, sem se pensar que já tardou mais aquela dia certíssimo em que o operariado deixará de fabricá-las, deixando ao mesmo tempo de construir prisões e engonhos de morte contra o povo seu irmão, entre o qual se encontram aqueles cuja ignorância cuidadosamente mantida e cuja inconsciência proveniente da sua miséria diabólicamente preparada, trazem sujeitos ao serviço militar na defesa duma Pátria que recusa o pão a seus filhos e que, por muito favor, os recolhe na vala comum ao termo da sua existência, que é uma cadeia de todos os sofrimentos e martírios possíveis e imagináveis.

Tenham, porém, uns e outros a certeza matemática de que se caminha bem e depressa para o melhor possível, através do pior possível, e que os nossos vindouros não do colher o fruto abençoado e abundante desses martírios e sofrimentos.

peixe salgado, de 220, passaram para 14001...

O sr. José Nunes foi buscar um aumento de receita ao estômago do pobre consumidor, visto o negociante, pescadores e outros intermediários, reembolsarem com usura o aumento que o fisco lhes exigiu.

A Câmara, com esta medida, teve ainda a virtude de, em vez de atrair os pescadores, desde o mais modesto ao mais abastado, afastá-los, indo estes para outras terras do litoral onde não se exerce tanta exploração, e isto se resume o *aproveitável desenvolvimento* que tem tido o mercado 24 de Julho, cabendo aqui dizer — por ser verdade — que muitos dos seus vendedores, a despeito de tudo quanto se diga em contrário, teem, quando muito, de ser enterrados — por esmola.

Quanto ao frigorífico, foi resolvido em sessão da Câmara Municipal de 25 de Março de 1912, rescindir o contrato que existia com a Sociedade Comercial de Pescarias Limitada, ficando expresso na *clausula quinta* o seguinte:

«Todo o peixe chegado ao mercado de Santos e outros, será posto logo à venda, não podendo ficar peixe algum nos frigoríficos de bordo desde que comence a descarregar, ficando o delegado da Câmara responsável pelo cumprimento deste artigo, procedendo à apreensão do género, no caso de contravenção, e dará imediatamente parte à Câmara do ocorrido.» O que tem sucedido? Os vapores chegam ao mercado de Santos com o produto da sua pesca; e em vez de pôrem todo à venda, dividem por quatro ou cinco dias, valorizando assim o pescado à medida dos seus desejos, e a Câmara, que cobra 3%, desse rendimento, vê com agrado a subida da sua receita, embora isso vá transgredir a sua própria lei, feita na melhor das intenções para proteger o público! Estes são os progressos do mercado de Santos. Relativamente às hortaliças, peço ao camarada que me reserve um cantinho do seu jornal para dar algumas explicações e assim como, ainda a respeito do peixe a fim de ver se podemos chegar à conclusão prática de embaratecimento deste género.

Ainda acerca desta questão, recebemos mais esta carta:

Camarada redactor:—Pela leitura dos artigos publicados na *Batalha*, uma revelação preciosa veio a lume: é que a essa coisa a que pomposamente se chama *mercados municipais*, mas que na realidade não passam de imundos chavascas onde só há porcaria e indisciplina, vai a benemérita Câmara Municipal buscar algumas dezenas de contos de réis por ano, para engordar o parasitismo municipal, quantia esta que mais vem sobrecarregar o exagerado preço dos géneros ali vendidos, sem que, em troca, o público consumidor e os indivíduos que teem os seus mistérios dentro desses antros, recebam o mais insignificante benefício. — Gabriel Duarte.

### SUBSISTÊNCIAS

Sobre a questão das substâncias, escreve-nos o sr. António Damas de Oliveira:

Camarada redactor:—Continua-se vivendo debaixo da pressão capitalista, e não há maneira de se aliviar este des-



